

ALICE FERREIRA-SILVA

SOPROS DE AREIA

SOPROS
DE AREIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Valdiney Veloso Gouveia
Reitor

Liana Filgueira Albuquerque
Vice-Reitora



Natanael Antônio dos Santos
Diretor Geral da Editora UFPB

Everton Silva do Nascimento
Coordenador do Setor de Administração

Gregório Ataíde Pereira Vasconcelos
Coordenador do Setor de Editoração

CONSELHO EDITORIAL

Cristiano das Neves Almeida (Ciências Exatas e da Natureza)

José Humberto Vilar da Silva (Ciências Agrárias)

Julio Afonso Sá de Pinho Neto (Ciências Sociais e Aplicadas)

Márcio André Veras Machado (Ciências Sociais e Aplicadas)

Maria de Fátima Alcântara Barros (Ciências da Saúde)

Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)

Elaine Cristina Cintra (Linguística e das Letras)

Regina Celi Mendes Pereira da Silva (Linguística e das Letras)

Ulrich Vasconcelos da Rocha Gomes (Ciências Biológicas)

Raphael Abrahão (Engenharias)

Editora filiada à



ALICE FERREIRA-SILVA

SOPROS DE AREIA

Editora UFPB
João Pessoa
2024

1ª Edição – 2024

E-book aprovado para publicação através do Edital nº 01/2022 – Editora UFPB.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio.
A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do código penal.

O CONTEÚDO DESTA PUBLICAÇÃO, SEU TEOR, SUA REVISÃO E SUA NORMALIZAÇÃO
SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DO(S) AUTOR(ES).

Projeto gráfico · **Editora UFPB**
Edição eletrônica e design de capa · **Wellington Costa Oliveira**
Imagem de capa (ilustração digital) · **Freepik.com**

Catálogo na fonte: **Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**

F383s Ferreira-Silva, Alice.
 Sopros de areia [recurso eletrônico] / Alice Ferreira-Silva. –
 Dados eletrônicos - João Pessoa : Editora UFPB, 2024.

 E-book
 Modo de acesso : <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press/>
 ISBN: 978-65-5942-249-4

 1. Contos. 2. Literatura brasileira. I. Título.

UFPB/BC

CDU 82-34

OS DIREITOS DE PROPRIEDADE DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADOS À:



Cidade Universitária, Campus I – Prédio da Editora Universitária, s/n
João Pessoa – PB CEP 58.051-970
<http://www.editora.ufpb.br> E-mail: editora@ufpb.br Fone: (83) 3216.7147

"Perdi muito tempo até aprender que não
se guarda as palavras: ou você as fala,
ou as escreve, ou elas te sufocam"

Clarice Lispector

Dedico este livro, com todo cuidado e carinho,
a Clarice Ferreira Hughes, minha filha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, pelas leituras e incentivo,
a amiga Deise Valadares.

APRESENTAÇÃO

O livro Sopros de Areia é composto por "grãos" gerados a partir da fragmentação de sentimentos, fatos e observações; respeitando para cada rocha o seu tempo de fragmentação. Sopros de Areia, reúne contos que tratam, em alguns dos seus espectros, a dinâmica da natureza humana no dia a dia.

SUMÁRIO

“Lista de mercado”	11
“Dois alto”	13
“Do what you love!”	16
Trabalho é seu tempo de vida!.....	20
Gatilho.....	25
Entre o pôr e o nascer do sol.....	30
Notícias ao vento.....	33
Visse	36
Aprendiz do sapateiro	40
Ritos sociais	43

“Lista de mercado”

Antes de ir ao mercado, como de hábito, ela fez uma lista com os itens que precisava comprar. Depois conferiu mais uma vez para garantir que não havia esquecido de por nada. Na saída deu mais uma olhadinha e deixou a lista sobre a mesa.

No mercado a compra era feita por setores, sem pressa, assim como estava organizada a lista memorizada como uma fotografia com todas as suas cores e detalhes. Alguns itens foram adicionados para proporcionar prazer ao paladar e a mente, enquanto outros foram excluídos somente por julgá-los desnecessários, já que havia reserva em casa, e não por terem sido esquecidos.

Ao retornar para casa, acomodou as compras para higienização, sentou-se á mesa, e deu mais uma olhadinha na lista só para confirmar que havia comprado os itens escolhidos mentalmente e mais um pouco. Cabia ali naquele momento da "olhadinha" uma profunda satisfação em usufruir da sua habilidade de memória, de lembrar de gestos e olhares a partir de imagens e palavras, de sentir sabores nunca mais provados e até mesmo da lembrança de um tom de voz.

O dia foi passando permeado a tarefas, muitas tarefas, quando ao fim, ela se acomodou na cama como se o tempo fosse só seu e se permitiu sentir....

O desejo (o querer) que por mais que estivesse em dias de atividades exaustivas ou de descontração ele sempre voltava em seus pensamentos. Era um amor oculto, não declarado, distante e principalmente injustificável.

E sentindo, mais uma vez, aquela prisão interna e solitária de querereres da qual não conseguia se desvincular, ela decidiu naquele momento escrever uma "lista de mercado" sobre o que gostaria de dizer ao seu amor frente a frente. Uma lista setorizada por eventos de acontecimentos, encantamentos e desejos.

Só para não correr o risco de esquecer de dizer tudo. Escreveu a "lista de mercado" no e-mail, sem pressa expondo todos os detalhes e sentindo... Deixou o e-mail salvo como rascunho para sei lá quando dar uma "olhadinha", e talvez excluir mentalmente algumas palavras desnecessárias e quem sabe acrescentar um pouco mais, antes de ir revê-lo.

Por Alice Maria da Proa.

Feira de Santana-BA, 01-novembro-2020.

“Dois alto”

Certo dia eu, com olhos e ouvidos aguçados, observei os gestos e escutei a conversa de um jovem com um bebê no colo e uma senhora com seus mais ou menos 60 anos. Eu diria que a bebezinha tinha lá seu 1 mês de vida. Eles estavam sentados num banco em uma praça a caminho da minha casa.

E a senhora perguntava para ele: --- você vai mesmo?

E com uma expressão de lamento ele respondia: --- sim, vou!

A senhora dizia olhando carinhosamente para a bebê: --- É! Agora você tem que cuidar dela!

E completou: --- A gente não pode ter tudo!!!!

Em seguida se despediram carinhosamente como numa relação maternal.

Eu, de alma cansada tomei meu rumo para casa! Eram dias difíceis para mim. Havia perdido um ente muito querido, muito amado, que me acompanhava por duas décadas. Não me refiro a perda por causa de morte; e

sim a perda por deixar e respeitar a escolha do outro de simplesmente ir....

A cada momento que eu me dava o luxo de uma caminhada, a cada intervalo mental permitido durante o trabalho, a cada diálogo com amigos sobre meu estado, eu sentia a sua partida. Doía.... Doía a todo momento, a todo segundo. Parecia que a dor já fazia parte de mim. E eu sabia lidar com ela! Conseguia fazer tudo inclusive ser gentil e dar amor.

O que eu não sabia era lidar com a maldita frase: "A gente não pode ter tudo!!!!".

Não havia noite antes de fechar os olhos para dormir que eu não lembrasse daquela frase. E nem mesmo me isentava de "ouvir" mentalmente a voz da senhora dizendo "A gente não pode ter tudo!!!!" antes mesmo de abrir os olhos no ato de acordar. Essa era a parte da rotina mais dolorosa. A parte de se sentir só e de se conformar com isso.

E por meses eu dormi e acordei com essa frase na cabeça, talvez por seis longos meses. E em muitos momentos dei razão para aquela senhora e repetia em um diálogo interno: de verdade, a gente não pode ter tudo.

Hoje, sinceramente, não sei mais.... A dor agora é intermitente como em episódios de febre quartã.

Arriscaria dizer que a senhora está meio certa. O que é "TUDO" afinal??? Eu ainda não sei! E você?

"TUDO" em que tempo e em que espaço?

Eu sei que eu queria me dirigir ao tempo e gritar como criança esbaforida, sedenta e cansada: Dois alto!

Eu queria exatamente aquele momento em que a criança interrompe a brincadeira e grita "dois altos" como se estivesse dizendo "Para! Eu não aguento mais!" e em seguida sai correndo para casa para beber água.

"Dois alto" para me livrar das regras do jogo até ganhar fôlego para continuar.

"Dois alto" para ter o prazer de matar a sede com uma água gelada até a satisfação completa.

Só "Dois alto"!

Por Alice Maria da Proa.

Ilhéus-BA, 26 de dezembro de 2020.

“Do what you love!”

Era uma manhã chuvosa... Sentia um friozinho.... Uma preguiça para levantar. Dessa vez eu podia ficar um pouquinho na cama, afinal eu tinha poucos dias de férias e naquela madrugada tinha dormido tão pouco. Havia trabalhado até a uma da manhã nos meus escritos e quando me propus a dormir os mosquitos incomodavam feito ideias em ebulição.

Após poucas horas de sono, levantei-me em torno das nove horas, e pus sal no café invés de açúcar. Cuspi o café na pia e ainda distraída com tantas preocupações, coloquei o pote de sal dentro da geladeira.

Chateada! Resolvi voltar para cama. Foi quando o meu pseudo descanso foi interrompido por um barulho. O som era como uma batida de garrafa pet vazia no chão e em seguida surgia uma voz feminina --- "A polícia tá aí! Ela vem aí! Eles estão trabalhando!!!!".

Curiosa que sou, levantei-me apressada e fui até a janela de pijama. E vi no outro lado da rua, uma mulher de meia idade, parda, com um vestido azul estampado e um chapéu de palha na cabeça. Ela andava com um saco grande branco de mais ou menos 50 kg (tipo de açúcar) em uma mão e na outra uma garrafa pet transparente

e vazia, a qual batia no muro repetidamente conforme avançava os passos. Aparentava estar atormentada.

Ela me viu na janela e disse: --- Acorda para trabalhar!!!!!!! Dorme o dia todo é??? Tem que trabalhar!!!! Desse jeito você vai passar é fome!!!!

Eu instintivamente dei um sorriso envergonhado e observei-a caminhando batendo a garrafa na parede e dizendo coisas as pessoas que passavam na rua. Foi assim até sumir da minha vista. Por um momento perguntei-me cinicamente: sobre qual era o trabalho dela na realidade, se era catar garrafas pet para reciclagem ou se era observar e dizer "coisas" às pessoas, para não dizer desaforos (risos).

Voltei para o quarto e me deitei na cama com o laptop sobre o colo, quando minutos após, meu pai apareceu na porta do quarto e perguntou: --- Está trabalhando?

E eu respondi com um SIM imediato. Mas intuitivamente me questionava: o que é o trabalho para um e o trabalho para outro?

Mas deixei o deboche de lado e voltei-me para entender o significado de ter dado um sorriso envergonhado para aquela senhora. Envergonhado por

estar de pijama na janela olhando a vida dos outros, enquanto aquela senhora trabalhava. Não! Não mesmo!

Talvez pelo demérito de atuar como professora no ensino superior privado, de ter cursado uma graduação por cinco anos e mais quase nove anos de pós-graduação; e ganhar por hora menos da metade do valor cobrado para uma maquiagem básica.

Envergonhadamente não vou expor o valor da maquiagem básica, a carga horária atual e nem me dar ao trabalho de descrever as horas prévias de dedicação (sem remuneração alguma) ao estudo técnico, didático e por que não dizer artístico para elaborar uma boa aula.

Mas, cabe destacar que a hora/aula de um professor do ensino fundamental privado é por volta de R\$ 10,00.

Voltando ao deboche, que me parece menos triste, inteligente e mais apropriado que a vergonha, eu lembrei que outro dia numa sala de espera, para um atendimento médico, observei um quadro com fundo branco e uma frase em cor verde: "Do what you love! ". Traduzindo: Faça o que você ama!

Frase bem aplicada para um quadro decorativo para um consultório médico, não é mesmo!? Para sala de um professor ou para um slide em uma aula virtual, eu não

dispensaria um quadro/slide bem ilustrado com a frase dela: "Desse jeito você vai passar é fome!".

Por Alice Maria da Proa.

Ilhéus-BA, 26 de dezembro de 2020.

Trabalho é seu tempo de vida!

Oferecido para Camila Gontijo.

Ai ai (suspiros). Estou lembrando do período que estava ministrando uma disciplina, se chamava Microbiologia & Imunologia. Mas, antes de contar essa lembrança, deixa eu me apresentar: eu, professora horista.

Sim! Eu! Para que nome? Se você esperava um nome, desista! Hoje eu não estou para nome, sobrenome, denominações, rótulos etc. Mas, cabe aqui significar o que é um professor horista para te poupar te ir ao "oráculo" da web pesquisar.

O professor horista ganha somente pelas horas trabalhadas e não por dias. O salário flutua a cada semestre, afinal a carga horária está destinada a oferta de disciplinas. Daí você pode entender que é uma questão de demanda, mas não é só isso! É uma questão de estratégia por parte do empregador também, quando o empregador contrata uma empresa (inclusive com integrantes PEDAGOGOS) especializada em diminuir carga horária de disciplinas, e/ou condensar duas ou três disciplinas em uma só, e/ou destinar uma porcentagem da carga horária do curso para ensino á distância.

Tomam-se medidas sob o resguardo jurídico e assim vão mudando a grade curricular dos cursos, demitindo professores, e reduzindo carga horária dos professores da "casa". Assim mesmo que eles chamam: "professores da casa". Aí cabe uma reflexão para o seu entendimento de "casa". Dentre tantas coisas que a minha casa (a minha casa, mesmo! sem aspas) representa, uma delas é a segurança. Seja ela pela companhia dos meus que me fazem sentir querida, seja ela pelo espaço físico propriamente dito, etc.

Não há dúvida de que o propósito do empregador é o lucro, afinal é uma empresa inserida em um sistema econômico cruel. Seria interessante estender essa discussão especialmente na área da Educação, mas não é esse o propósito, pelo menos agora não é!

Voltando a minha lembrança, de quando ministrei a disciplina Microbiologia & Imunologia (60 horas), que anteriormente eram duas disciplinas, ofertadas de modo independente. Uma aluna me chamava a atenção. Além de aluna, ela era funcionária de uma empresa que ofertava um produto biotecnológico. Ela era simplesmente vibrante!!! Estava finalizando o curso e estava entusiasmada para fazer mestrado.

Em uma das nossas conversas pelos corredores ela disse: me envia seu currículo para eu entregar lá na empresa. E então eu entreguei meu currículo impresso. Dias após, eu tinha uma reunião marcada com o dono da empresa.

Era um senhor de humor acolhedor, as vezes invasivo. E com um café saboroso e quentinho, a conversa foi deslanchando sobre a vida pessoal e profissional, e no meio do assunto ele disse: "não existe ninguém melhor do que ninguém, o que existe são pessoas que não tiveram oportunidade!". E eu concordei.

Quem sabe das aptidões, das habilidades, da vontade do outro para ofertar a oportunidade certa? Às vezes, nem nós mesmos sabemos como explorar todas as nossas potencialidades. O mais prático seria ofertar todas as oportunidades possíveis e em seguida o indivíduo abraçaria a(s) sua(s) escolha(s).

Após várias conversas, algumas sem aquele café maravilhoso (poxa vida!), eu recebi a proposta para ser responsável por um setor de desenvolvimento tecnológico na empresa. Eu deveria me dedicar em regime integral, trabalhar aos sábados, uma dedicação exclusiva. O mesmo salário durante um ano inteiro. Eu teria a possibilidade de planejar a vida financeira. Perfeito, você não acha?

Mas a que custo? Era a pergunta que eu fazia! O valor que eu receberia certamente pagaria as contas da casa "na ponta do lápis", talvez com uma sobrinha, mas e o que mais?

Eu teria tempo para cuidar e aproveitar os meus? Eu também teria tempo para trabalhar nas outras coisas que gosto? Para ouvir uma música de olhos fechados? Eu teria forças para dançar?

Essa proposta de dedicação exclusiva me deixava insatisfeita. E mais injuriada quando eu imaginava o lucro em milhões que teriam a partir do meu trabalho.

O valor do salário era definitivamente injusto diante da atividade exercida e do regime de trabalho. Mas aí surgia outra pergunta: e o valor da hora/aula e a flutuação do salário de professor horista também era justo? Claro que não!

A questão não era sobre decidir entre o café maravilhoso fresquinho da hora e o café ruim de péssima qualidade da sala dos professores, porque até nisso economizavam.

A questão fundamental, na verdade era: como gastar o tempo de vida? Como?

Você que não é engolido pelo fardo de trabalhar pela sobrevivência, o que responderia?

Eu escolhi o café ruim. Não sei por quanto tempo ele será servido e nem por quanto tempo terei que tomá-lo.

Sei que, agora, esse café me dá tempo para escolhas.

Afinal como bem disse uma amiga magnânima: trabalho é seu tempo de vida!

Por Alice Maria da Proa.
Ilhéus-BA, 24-junho-2021.

Gatilho

Era um dia da semana qualquer, dia de trabalho, e lá estava eu nos minutos de intervalo tomando um café e conversando com um colega sobre o uso de uma rede social que compartilhava fotos e vídeos. Estava me sentindo "a moderna" porque havia migrado de uma rede social mais antiga para uma mais recente (risos). E há quem diga que quando escrevo risos entre parênteses (risos) pareço uma "senhorinha da internet".

Outro dia me mandaram uma reportagem via aplicativo do smartphone que dizia que o uso do emoji sorrindo era coisa de velho e ainda explicava a arqueologia do kkkk. Haveria o qua qua qua qua derivado em kkkk? E ra ra ra derivado em hahaha?

Aí eu já não sabia mais se usava (risos), rs, kkkk ou hahaha.

A verdade é que eu realmente me perco nessas "modernidades", e não ligo! Já estava bom a parte de me sentir bem usando a rede social do momento. A pensar... a palavra ideal seria modismos e não "modernidades"!

E soava aos meus ouvidos um trecho de uma música: "a droga da moda muda e ninguém te acode quando o povo julga". A saber: música RODA*.

Depois eu lembrei que troquei mensagens pelo aplicativo com uma pessoa interessante e escrevi "É!" enquanto eu recebia um "Eh" de resposta. A letra "h" agora substituía o acento na letra "e". Bom, ironicamente eu diria que para o meu conforto pelo menos de idade eu era mais jovem (EFKWSNFEJKBFHRBFSS). Pois é! "EFKWSNFEJKBFHRBFSS", letras em caixa alta escolhidas aleatoriamente também significa gargalhada.

Leia aí em voz alta: "EFKWSNFEJKBFHRBFSS". Agora me diga se o que você ouviu te lembra uma gargalhada.

Aí já é muita esculhambação porque não é esse som que ouvimos quando se dá uma gargalhada, a onomatopeia passou longe! Novinhos, por favor, não forcem!!!!

Aposto que tem uma "Dona Fifi" (= pessoa fofoqueira) querendo saber quem é a pessoa interessante. Pois vamos lá!

A primeira vez que a vi com uma das sobrelhas levantada eu pensei: "Rum", que antipatia! Mas não era a antipatia do dicionário formal não! Aquela antipatia típica de quando você faz uma pergunta e usa o seu melhor sorriso e a pessoa responde com uma só palavra e pronto acabou o assunto.

Pois era assim mesmo, de pouca conversa ou às vezes de nenhuma!

Devia usar a "antipatia" para os que conhecia pouco ou para os que não tinha interesse em conhecer. Esperta toda!

Eu sei que nos seguíamos no aplicativo e eu via ali naquele perfil publicações com tamanha sensibilidade e ternura, e claro eu dava uma de "Dona Fifi" e frequentemente voltava ao perfil. Algumas publicações que se eu fosse comentar como os psicólogos que conheço, diria: essa foi forte! Outras publicações eu mesma diria: que coisa linda!

Mas olha, a última publicação tinha me dado uma revolta.... À primeira vista eu senti um sopro de esperança, depois a raiva dominou e por fim senti a tristeza.

A publicação era uma foto com fundo verde escuro e uma frase com as letras em cor branca: "As pessoas não são más, elas só estão perdidas. Ainda há tempo!"** Criolo (autor).

Sentiu o sopro de esperança? Pois se sentiu segure essa emoção, pois é a melhor parte. Essa frase faz parte de uma música de cunho social belíssimo, é uma declaração de amor ao próximo.

Lindo não é!? Até a parte que eu li a frase novamente, e saindo totalmente do cenário denunciado pelo autor, se iniciava um gatilho. "Gatilho" para os

leigos ou um termo mais aproximado a esse processo: ansiogênico, como diria uma amiga psicóloga.

E comentei num monólogo interno: Não há diferença entre pessoas más e pessoas perdidas, isso só são denominações! O que importa é o que elas fazem; e o que geralmente fazem é deixar dor.

Daí a raiva como consequência de uma injustiça sofrida. E a parte triste? Há os que carregam o peso da crueldade. Essa é a parte triste, mudam os planos, muda(m) a(s) vida(s)!

A parte do "Ainda há tempo" eu não comento. Curiosamente a primeira música que mencionei acima (RODA) continha uma outra frase dizendo: "Nunca é tarde demais!".

Com esse TEMPO eu não mexo, não consigo lidar com ele!

Por Alice Maria da Proa.
Ilhéus-BA, 27 de junho de 2021.

*Música: Roda, Composição: Priscilla Novaes Leone / Roosevelt Ribeiro De Carvalho / Roberto Dalcom Bastos Barreto.

**Música: "Ainda há tempo" Compositor: Kleber Cavalcante Gomes.

Entre o pôr e o nascer do sol

Era um período de feriadão, além do sábado e domingo eu tinha de folga a segunda e a terça-feira. Seria ótimo se eu pudesse usá-lo para uma cervejinha entre amigos, viagem curta em família ou uma simples caminhada de bicicleta que deixaria renovada. Mas eu estava meio adoentada e o repouso em casa acompanhado de comidinhas gostosas e uma boa série de TV era a melhor opção.

Ao final da tarde saía de casa e me sentava no meu cantinho para curtir um pôr do sol e aquele matiz de vermelho a alaranjado no fundo azul... Simplesmente vibrante! Queria eu conseguir me ocultar e depois ressurgir com tanto brilho seja em que ambiente for. Inerte ao externo, em plena homeostase.

A minha aparência tranquila escondia uma agonia interna.

A vida me apresentou um amor (um sonho) mas nos manteve distantes.

E eu fiz quase tudo que por ele! Mandei recado, letra de música, escrevi crônica e poesia.

Me dediquei a observar os seus detalhes de longe. A vê-lo.

Quis conhecê-lo e senti-lo de todas as maneiras possíveis e inéditas,

Usei horas da noite, madrugada ou do início da manhã o consumindo em pensamento.

Imaginei olhares, toques, momentos intensos, sorrisos e gestos de amor.

Tantas horas... Tantas!

Ainda desejei e busquei me tornar a minha melhor versão pra vida. Desenvolver novas habilidades....

De cansar! E cansei ... Fiquei exausta!

Não sei se por vergonha, medo, respeito ou tudo junto, eu só não tentei uma coisa.

Só não fui até ele!

Esperava por um chamado tão simples e objetivo: Venha aqui!

Só duas palavras, que se foram imaginadas a serem ditas, eu nunca soube.

E se eu pudesse soar as palavras mirando no brilho dos teus olhos, eu diria: quando você quiser e puder: me chame! Não importa onde eu esteja, e nem com quem eu esteja, só chame!

Ah se eu pudesse...

A noite chegou junto com um suspiro longo de lamento, seguido da projeção do lábio inferior para frente, o velho conhecido: bico.

Agora só me restava aguardar (suspiro profundo).

Aguardar por mais um nascer do sol, aguardar pelo prazer de sentir um solzinho ameno e gostoso das 5 da manhã.

E seguir com a esperança de que o novo ultrapassasse a linha do horizonte numa linda manhã.

Por Alice Maria da Proa.

Feira de Santana-BA, 10 de outubro de 2021.

Notícias ao vento.

Não sei bem por que nos "procuramos", tal qual ventos constantes que sopram do mar para o continente, e do continente ao mar.

E tantos sopros já dei até você! E tantas palavras que já escrevi e não te enderecei, e tantas outras palavras que poderia escolher agora para gerar grandes secas ou chuvas fortes. Mas hoje eu serei rasa, calma, usarei elas só para descrição da rotina.

Ultimamente o silêncio anda me vestindo muito bem. Um momento, essa frase "Ultimamente o silêncio anda me vestindo muito bem" me descreve tanto e me parece tão elegante que talvez tenha sido outra pessoa que escreveu e eu apenas esteja repetindo-a. Será que foi Clarice Lispector? Só colocando no detector de plágio, risos.

E aproveitando a oportunidade de falar em silêncio, se eu pudesse te fazer uma pergunta, uma só! Seria: por que você não usa as palavras comigo? Com certeza, as usa com alguém, não é possível!!!? O que me faz pensar: o que leva uma pessoa a se mostrar para outra!? Por que com algumas temos a facilidade de usar as palavras

e com outras não? Que conexão é essa!? Como acontece essa entrega?

Voltando para as palavras descritivas: está quase tudo na mais "perfeita" rotina. Os cuidados e atenção com a pequena continuam, o amor está aqui comigo. A casa quase organizada contando com um item recém entregue, uma flauta transversal, um instrumento que sempre foi apreciado e desejado, e que ainda não sei nem "soprar", risos. A alimentação saudável incluindo os desejados tomates cereja da pequena e as hortaliças, da minha dieta, colhidas na horta que ficam num canteiro a lateral do pequeno prédio onde moramos, de 1 andar com 4 unidades e a garagem coberta fica ao fundo do terreno.

E quanto ao trabalho, tantas horas dirigindo para chegar até aqui, acho que 14 ou 15 horas, e os esforços com caixas de mudanças, organização e limpeza causaram inchaço e dores no joelho pós-operado. À medida que vou melhorando, eu me encaixo melhor na rotina do trabalho. Os exercícios de fisioterapia iniciarão na próxima semana.

Estaria tudo muito bem, se não fosse a sensação de que não pertencço a lugar algum.

Eu que dormia bem, sem usar de qualquer bebida ou medicação, ando perdendo noites, às vezes noites seguidas.

Nessas horas, que não tenho obediência a rotina, eu ando distribuída entre a obrigação de soprar pesado para chegar a um lugar que eu tenha a paz da estabilidade financeira, e entre a bruta lembrança de ventos passados.

Esses aí, apesar de baterem como um tapa na cara por me lembrar constantemente de que meus momentos e planos anteriores se foram... Eles também me lembram do que fui e do que sou! Soam como barulho de concha do mar ao estribo transmitindo o alerta de que novos rumos virão.

Por Alice Maria da Proa.
Areia-PB, 05 de março-2022.

Visse

Era um dia ensolarado de janeiro, e eu e minha filha de 6 anos fomos a praia. A nossa praia! A mesma que eu frequentava desde a infância com a minha família, e que a minha filha também gosta de frequentar. Como de costume, nós andávamos pelos recifes, catávamos algas, brincávamos nas poças d'água e nadávamos.

Naquele dia estávamos apreciando os últimos dias de férias em Ilhéus, e nós iríamos mudar da Bahia para Paraíba, por motivo de trabalho. E numa deliciosa e morna poça da água que cobria até metade da minha altura nós conversávamos livremente sobre tantos assuntos.... E de repente, ela me olhou séria e perguntou:

Ela: Mamãe!!! Na Paraíba fala inglês?

Eu: Não! Fala português!

Ela: E Au revoir?

Eu: Francês???? Não! Eles falam português!

Ela: Assim como a gente?

Eu: Sim, só que com um sotaque. Um jeito de falar diferente.

Continuamos nos divertindo e depois fomos p casa no final da manhã para almoçar e descansar.

Depois de alguns dias nós nos mudamos! Foi uma longa e cansativa viagem de carro. Aproximadamente 1200 km! Nos instalamos em um apto e seguimos a vida, ela na escola e eu na universidade. Depois de mais ou menos 30 dias na cidade de Areia, tudo corria bem, embora eu me sentisse bastante cansada com as atividades do dia a dia. Por volta das 17hs numa quinta-feira eu estava em frente ao portão da escola para buscá-la, nos demos as mãos e seguimos em direção ao carro quando ela disse sorrindo:

-- Mamãe!! Eles falam "visse"!!!!

E eu ri muito e disse: sim! eles falam "visse", mas, mesmo assim eles continuam falando português (risos)! E se você quiser, também pode falar "visse", visse!?

Essa ocasião divertida me lembrou de um dia que tive a infelicidade de ler um texto de um brasileiro que falava sobre os dialetos da língua inglesa, se referindo aos sotaques das pessoas de diferentes nacionalidades quando se comunicavam em inglês; o que é uma observação óbvia, não é!? Lembro muito bem, de estar no ensino fundamental e minha professora de inglês (a qual tinha uma fluência excelente) imitar uma amiga chinesa falando inglês.

Mas, acho que para fortalecer esse argumento no texto, o indivíduo resolveu acrescentar como exemplo o

inglês nordestino tribal. Imediatamente eu pensei: Não é possível!!! Ele só pode ter se inspirado em novelas daquela emissora de TV (a que é bastante conhecida).

Ahhhhhh, como se diz aqui: fiquei com sangue no olho!!!! Fiquei tão furiosa com essa "gracinha", mas tão furiosa que danei a pontuar no papel as individualidades dos estados que compõem a região Nordeste, e ao mesmo tempo, eu lembrava de alguns professores meus na Bahia (dos da escola até a universidade) falando inglês numa proficiência impecável.

Sei que se eu encontrasse esse homem na minha frente, eu o "comeria com coentro" (com coentro, não é com salsa, não!). Em outras palavras, eu o venceria nos argumentos.

Voltando para a emissora de Tv conhecida, já repararam quando vão falar de uma praia na região nordeste? Eles dizem assim: "estamos aqui diretamente da praia do Maragogi no Nordeste, o caribe brasileiro!" Pronto! Agora vou mostrar aqui como eles falam da praia em um estado da região sudeste: estamos aqui diretamente da praia de Copacabana no Rio de Janeiro!

"Repare só", a praia do Maragogi fica ao Norte do litoral de Alagoas. Percebe a diferença? Ai ai! Um dos sinônimos da palavra "desconhecimento" é a "falta de reconhecimento".

Generalizam o Nordeste. E mais!!! Se referem aos nordestinos como os paraíba ("Na feira de São Cristóvão só tem Paraíba")! O esquema é colocar tudo num balaio só! Até os que fazem barbearagem no trânsito ou cometem um erro numa técnica cirúrgica entram no "balaio" dos que fazem baianada!

Pois somos vários balaios. Na Bahia, por exemplo, o sotaque de Salvador (capital da Bahia, região norte) é diferente do de Ilhéus (sudoeste da Bahia), que é diferente do de Vitória da Conquista (região Sudoeste), que é diferente do de Seabra (região Centro Sul). Aliás, o povo de Seabra fala em velocidade 2x (comparando com a velocidade de reprodução de vídeo), é uma loucura, eu não entendo nada de tão rápido!

Sei que é muito bonito falar NORDESTE enquanto reconhecimento de grupo. De um grupo rico em belezas naturais, composto por 9 Estados de culturas extremamente diferenciada, na música, na dança, na culinária, na literatura, na sonoridade das palavras (inclusive do alfabeto), na linguagem informal, ..., que resiste bravamente ao preconceito, a injustiça social, a seca, e a falta de investimento. Aí sim: somos todos Paraíba, visse!? Somos NORDESTE!

Alice Maria da Proa.

Areia-PB, 29 de julho-2022.

Aprendiz do sapateiro

Era 10 da manhã fazia um sol danado em Feira de Santana, a temperatura chegava a 37 graus, calor muito calor, e eu inspirada, resolvi fazer exercício ao meio-dia sob aquele sol escaldante. Apliquei o protetor solar fator 70, vesti a blusa azul de manga comprida com proteção UV, uma calça de ginástica preta (sim, preta! só tinha essa!), um chapéu de praia branco e um tênis cinza e rosa (o meu preferido), uma combinação bem marmota.

E lá fui eu de bicicleta para a universidade. E lembro muito bem que logo quando virei na segunda rua após a minha casa, soltou uma parte do solado de um dos tênis, agora veja que curioso, somente a parte do solado do calcanhar se soltou e caiu sobre o asfalto. Depois de uns 50 metros me dei conta do ocorrido, instantaneamente voltei para resgatar o solado e segui no rumo.

Cheguei na universidade manca e como de hábito tratei de pedir uma indicação para uma colega, dessa vez a indicação de um sapateiro.

E assim, ela disse: "tem um ali perto da sua casa, mas é um velho resmungão. Uma vez, eu levei uma sandália lá e ele disse que minha sandália estava boa

de ir para o lixo!!! Nunca mais eu voltei lá! Melhor levar lá na praça Getúlio Vargas, no centro."

Eu ri e decidi ir até o tal do sapateiro resmungão no dia seguinte. Cheguei primeiro observando-o, e ele tinha uma cara de poucos amigos, mesmo.

Sentei-me ao lado dele no banco da praça da Cidade Nova e desejei um bom dia. Ele me olhou e respondeu sem deixar de trabalhar num conserto de um sapato.

Passou uma mulher na nossa frente, ela se virou para o sapateiro e perguntou: "onde fica a loja de cosméticos aqui nessa rua?". Ele respondeu rispidamente á pergunta.

E após a mulher sair se virou indignado e disse: "esse povo acha que minha profissão é de informante, eles não dão nem um bom dia e nem agradecem a informação".

Eu concordei com a cabeça! E em seguida expliquei sobre as condições do meu tênis. E ele disse: "pode deixar que eu vou colar e costurar agora!"

Ao lado dele tinha mulher que vendia um beiju molhado de tapioca enrolado na folha de bananeira. Comprei logo dois e um café quentinho.

Continuei ao lado do sapateiro e começamos a conversar. Ele me mostrou inúmeros pares de sapatos que as pessoas deixavam para consertar e que nunca buscavam.

E me disse: "por isso que quando minha filha quer sair com a roupa nova e o calçado mais bonito, eu brigo com minha esposa para ela deixar. Tem que usar as coisas! Guardar para que? Esperar oportunidade que não existe? Esperar se estragar no tempo!? A gente não sabe o que vai acontecer daqui a 5 minutos!".

E assim, as conversas sobre as coisas e pessoas foram se estendendo, sorrisos por compartilhamento de ideias foram surgindo e já não havia mais rispidez e nem mal humor.

Surgiram outros dias, outras conversas com mais tapiocas e cafés, outras observações, ..., e a consideração de que na minha vida:

Há os que dizem que me amam, mas não me sentem.

Há os que dizem "não desista de mim", mas não fazem questão.

Há os que não dizem nada, e eu digo para entrarem na minha vida, e não entram! Deixam somente a dor da rejeição.

Há os que me veem e compartilham os passos; para esses não cabem só as palavras, basta a entrega.

E a percepção de que: de silêncio em silêncio se morre aos poucos.

Por Alice Maria da Proa.

Ilhéus-BA, 4 de julho de 2022.

Ritos sociais

Um dia comum de trabalho, no qual eu seguia obedecendo os ritos. Escolhia as roupas de tecido fino que estavam localizadas ao lado direito do guarda-roupa, um calçado elegante, escondia as olheiras com uma maquiagem leve, adicionava ao rosto um sorriso que mostrava os dentes alinhados e cuidados, cabelos organizados, e por fim revisava todo o repertório de palavras cordiais e por vezes palavras dúbias caso fosse necessário usá-las, afinal em certos momentos eu não conseguia fingir.

Era terça feira, dia de reunião, e eu estava incorporada na máscara social perfeita para marcar presença e receber sorrisos de admiração. Afinal, quando eu usava as roupas ao lado esquerdo do guarda-roupa (que nem eram de se jogar fora e nem fúteis), não importava o meu currículo e nem competência adquirida ao longo de anos de formação, eu sempre visualizava as expressões faciais mais sinceras possíveis de repúdio.

Bastava agora entrar no carro, e dirigir ouvindo uma música para impulsionar o dia. Assim, eu fui!

Parei para abastecer, e se não fosse o carro (que não dava mais partida) eu teria chegado ao destino.

Primeiramente liguei para o trabalho a fim de justificar a minha ausência na reunião, e em seguida liguei para o mecânico, Seu Bené!!!!

E assim ao meu chamado ele veio e disse:

-- Ohh Dona Catarina, você não tem seguro não, para chamar o reboque!?

-- E eu disse sorrindo: por acaso o reboque do seguro tem seu Bené dentro?? Porque eu trouxe a farinha de Ilhéus, que você e sua mulher gostam.

Depois de Seu Bené dar uma breve avaliada no carro, eu perguntei qual era o problema.

E ele disse: seu carro só tem um problema, só um! Sabe qual é?!

Eu numa seriedade, perguntei qual era o problema, e ele respondeu sorrindo: seu carro só precisa de dono!!!!

Como se não bastasse a gracinha, ele me olhou e disse: "entra no carro que eu vou empurrar"!

E logo em seguida mudou de opinião e disse "não, você não vai saber sair de segunda" (se referindo a marcha). E completou sorrindo: "você empurra o carro"!

Pois não teve argumento! Seu Bené fez eu empurrar o carro, mesmo!!! Daquele jeito: toda arrumadinha e

com a maquiagem escorrendo junto ao suor debaixo de um sol de rachar, que era sol de Feira de Santana.

E ele satisfeito ria sabendo que eu não conseguiria empurrar o carro nem por 1 cm!!!!

Para minha sorte apareceu um rapaz bem simpático para ajudar. E assim o carro deu partida e seguimos para oficina. Seu Bené tinha que dar um jeito naquele motor de arranque.

No final do dia Seu Bené levou o carro até a minha casa, ele havia substituído a peça defeituosa. Agoniado, como sempre, de raciocínio e fala rápida, ele se despediu e disse: depois eu te passo o valor do conserto por mensagem.

E assim ele fez. As 20hs, eu liguei para avisá-lo que havia transferido o dinheiro, e passamos 1 hora conversando sobre a família dele, sobre o uso da cloroquina no tratamento da COVID-19, sobre a herdeira (minha filha, como ele a chamava) e combatia com tranquilidade, por vezes, alguns comentários machistas, e nos despedimos na paz.

Passados 5 dias, eu encontrei uma amiga que havia me indicado os serviços de Seu Bené, antes de conhecê-lo. Ela avisou que Seu Bené havia falecido na madrugada de quarta-feira, de acidente vascular cerebral, e que

a família dele só havia avisado da morte para os clientes homens.

O último serviço dele foi para mim. E foi com muita tristeza que relembrei nossos momentos. A primeira vez que conversamos, eu disse a ele que não tinha tempo para cuidar de carro, que a minha filha, o trabalho e a casa eram a prioridade. E ele havia me dito naquela ocasião: "quem vai cuidar do seu carro sou eu"! E assim ele fez até finalizar a sua jornada!

Mas não cuidava como qualquer outro mecânico não! Ele me levava nas lojas para realizar a compra das peças pelo cadastro de mecânico dele, porque assim tinha desconto. Ele tinha ciência do meu salário de professora.

Certa vez, eu passei meu cartão de crédito e senha, e ele comprou os quatro pneus com desconto, levou os pneus e o carro para o borracheiro, em seguida levou para o alinhamento e balanceamento, em seguida levou para lavagem completa, e levou o carro bem cuidado e limpo até mim. Cobrou-me apenas a mão de obra que os outros prestaram.

Ele frequentemente reclamava que meu carro não estava limpo, dava bronca que nem pai! E quando por ventura eu levava o carro para lavar, logo em seguida

eu passava na oficina dele com o carro todo limpo e brilhando para provocá-lo.

E ele via o carro e perguntava sorrindo: "o que foi Dona Catarina?"

E eu respondia sorrindo: nada não, só passei aqui pra dar um "oi".

Após 1 mês do falecimento, eu consegui passar pela frente da oficina, que já nem era mais oficina, o vão estava tomado por madeiras, sem gente!

E como novo rito, após lavagens ou cuidados com o carro eu sempre passava em frente a antiga oficina para saudá-lo em pensamento, porque para ele não importava a roupa q eu vestia e nem o que eu tinha. Para nós o que importava era o prazer da companhia estampado num sorriso espontâneo, a confiança e o cuidado. Seu Bené era aquela pessoa de restaurar a fé na humanidade.

Por Alice Maria da Proa.

Ilhéus-BA, 03 de novembro de 2022.



Este livro foi diagramado
pela Editora UFPB em 2024

